

Daniela Almeida Lira/ Maria Valéria Barbosa

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 02: Afro-americanidade no ensino de sociologia: Contribuições e atravessamentos nas práticas pedagógicas

**SOU ATLÂNTICA: O ENSINO DE SOCIOLOGIA E O RESGATE DA IDENTIDADE
NEGRA POR MEIO DA FOTOGRAFIA**

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

"Eu sou Atlântica" é o título que dá nome ao livro de Alex Ratts¹ (2007), que retrata a vida e a contribuição intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Mulher negra, nordestina, historiadora, poetisa, migrante e ativista do movimento negro, Nascimento escreve sobre seus deslocamentos no mundo e, a partir disso, alia suas experiências com a realidade da população negra e seus processos de saída da "da África para América e dentro do Brasil, entre o rural e o urbano, entre Nordeste e o Sudeste" (2007, p.74)"

Dessa maneira, a autora consegue demonstrar a importância de resgatar a potencialidade das trajetórias negras e suas lutas e contribuições, mesmo em meio a processos de violências e escravização, fatores que permitem "criar elos de ligação numa história fragmentada" (2007, p.74) e que interferem diretamente no ser negro/a hoje.

Assim, a exposição Sou Atlântica desenvolvida pelo NUPE- Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão da Unesp-Marília, busca, a partir da participação das juventudes negras, reproduzir fotos de figuras importantes do movimento negro que demonstram com há uma articulação entre passado, presente e futuro, evidenciando como o ensino de sociologia deve proporcionar para os/as estudantes o conhecimento da história do movimento negro e sua atuação na conquista de direitos e luta contra as desigualdades sociais.

Nota-se que Ratts expõe isso a partir de sua própria existência: "Beatriz Nascimento é uma das âncoras de meu barco à deriva no Atlântico" (2007, p.19). Em outro momento relata: "[...] Muitas vezes me pego diante de uma fotografia sua como se fosse um espelho, embora ele não reflita a minha imagem" (2007, p.20). Ao fazer isso demonstra que o processo de estudo e conhecimento acerca da vida e obra de Maria

¹ A discussão realizada no presente trabalho é pautada, sobretudo, no livro de Alecsandro José Prudêncio Ratts. Considerando-se, portanto, importante apresentá-lo: o autor se graduou em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1988), tendo realizado doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente, é ativista, poeta e professor na Universidade Federal de Goiás nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e de pós-graduação em Antropologia.

Beatriz Nascimento, permite com que elos sejam criados entre sua trajetória e a da autora.

Nesse reconhecimento, ao lamentar a morte precoce da intelectual, o autor expõe que a superação do sentimento de tristeza surge ao imaginar que os projetos interrompidos de Nascimento se concretizam em outras pessoas e coletividades pelo país (2007, p.20). Isso deixa em evidência como há estreita ligação entre as trajetórias de sujeitos negros quando estes dão continuidade a projetos e lutas anteriores.

Nesse sentido, a exposição *Sou Atlântica* teve dois direcionamentos importantes: 1) demonstrar como as trajetórias de pessoas negras se entrecruzam quando se considera que a luta do movimento negro e seu histórico de conquistas tem impacto direto na vida das juventudes negras. Ao fazer isso, busca-se criar elos em uma história que é constantemente negligenciada a partir da compreensão da importância dos que vieram antes para subsidiar o hoje; 2) evidenciar como a busca por uma sociedade livre do racismo e de qualquer discriminação é desdobramento da luta de diversos sujeitos - alguns representados na exposição - que continuam sendo buscadas pelas juventudes negras do Brasil e do mundo.

Sendo o espaço escolar local importante na formação dos sujeitos, considera-se como essencial que este socialize o conhecimento historicamente acumulado e, com isso, consiga formar estudantes capazes de compreender a história de maneira crítica, ampliando suas formas de leitura do mundo e de si enquanto sujeitos ativos da sociedade.

Entende-se, portanto, que quando a escola promove visões parciais e enviesadas sobre o mundo, há consequências ao processo formativo e de vida dos/as estudantes. Essa problemática é algo constantemente indicado nas reivindicações do movimento negro e da própria Beatriz Nascimento que, em entrevista citada por Ratts para o livro *Fala, Crioulo*, de Haroldo Costa, relata:

Acho que muita criança negra tem esse mesmo problema e é por isso que não estuda, muitas vezes não passa de ano, tem dificuldade na escola por causa de um certo tipo de isolamento que não é facilmente perceptível. É aquela mecânica de educação que não tem nada a ver com esses grupos de educação familiar, a mecânica da leitura, onde

you do not know who it is, because it is not in the books. (2007, p.19. APUD. 1978, p.96)²

Logo, entende-se que a socialização do conhecimento que inclua a história dos diferentes sujeitos é de grande relevância para o ambiente escolar quando este se propõe a colaborar para uma educação antirracista, desnaturalizar o racismo estrutural, construir uma identidade positiva para jovens negros/as e incentivar o convívio respeitoso dos diferentes sujeitos.

Em *Superando Racismo na Escola* (2005), aponta-se também o debate referente à formação de professores/as e educadores/as que, a partir da própria trajetória educacional pautada, sobretudo, em formações eurocêntricas, acaba por não refletir ou não saber lidar com a "problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultados" (p.17).

Munanga (2005) menciona que a vivência em uma sociedade que naturaliza preconceitos faz com que as práticas docentes reproduzam, também na escola, muitas das opressões existentes no meio social. O autor explica que esses fatores são responsáveis, em parte, pela exclusão educacional vivenciada por estudantes negros/as, que não encontram na escola acolhimento ou pertencimento e, pelo contrário, possuem um sentimento de "fora do lugar" que afeta suas autoestimas e a construção de uma identidade negra positiva.

Assim, o trabalho aqui apresentado visa propor a professores/as de sociologia uma intervenção, por meio da fotografia, que demonstre aos estudantes a importância do grupo negro enquanto movimento social em contexto latino-americano, com o objetivo de ressaltar como a luta dessas personalidades ainda está presente nos corpos das pessoas negras, mesmo em tempos e espaços diferentes.

Entende-se, também, que o referido resgate da história e das lutas do movimento negro e de algumas personalidades como Milton Santos, Maria Remédios Del Valle, Malcon X, Marielle Franco, Dandara, Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzáles e outros/as, permite evidenciar o que Gomes (2017) denomina de Movimento Negro Educador, que produziu e produz saberes emancipatórios e, mais do que isso, inauguraram no Brasil a preocupação epistemológica e política acerca das questões

² COSTA, Haroldo. *Fala, Crioulo*. Rio de Janeiro, Record, 1982, p. 194-198.

étnico raciais que, pelo questionamento do conhecimento científico posto, colabora para o surgimento de novas temáticas, indagação de conceitos e dinamização do conhecimento (2017, p.22).

EXPOSIÇÃO: SOU ATLÂNTICA

Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. África e América
e novamente Europa e África.
Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe.
Eu sou atlântica. (NASCIMENTO, 1989)

A exposição Sou Atlântica foi produzida pelo NUPE (Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão) da Unesp - Faculdade de Filosofia e Ciências. Formado desde 2001, atualmente é coordenado pelo Prof. Dr. Andreas Hofbauer e Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira. Na época da realização da referida exposição contava com a vice coordenação da Prof. Dra. Maria Valéria Barbosa, que atualmente é vice-presidente executiva do NUPE.

O núcleo busca desenvolver pesquisas e projetos que visam problematizar os processos de produção e reprodução das desigualdades raciais no Brasil, analisar os impactos das políticas públicas para o segmento negro e compreender a construção da identidade negra e a análise da constituição do movimento negro no Brasil e Diáspora Negra.

Esses dois últimos objetivos dialogam diretamente com o desenvolvimento da exposição Sou Atlântica, que contou com a organização de estudantes da graduação em Ciências Sociais que, a partir de uma oficina de fotografia³ organizada pelo NUPE, puderam ser fotografados e fotografar, dando dinamicidade para atividade e um ambiente de troca de conhecimentos e afetos entre estudantes negros/as.

Considera-se que essa etapa do desenvolvimento do trabalho já demonstra potencialidade para suscitar discussões interessantes em sala de aula, caso se objetive fazer o trabalho de reprodução das fotografias. Contudo, a escolha das fotografias

³ Oficina realizada a partir da orientação de Ítalo Yuri Leal Mendes e Mário Dias.

também se dá pelas diversas possibilidades de utilização que a ferramenta oportuniza, sendo o uso da própria exposição já realizada pelo NUPE uma maneira de levar à sala de aula recursos diferenciados que ajudam no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a produção do NUPE busca um diálogo multidisciplinar com as diversas áreas de conhecimento, mas fundamenta seu arcabouço teórico, sobretudo, nas três grandes áreas das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), que historicamente desconsideram a produção de diversos intelectuais negros/as e ainda é fundamentada, em grande parte, por autores ocidentais e homens cis brancos. Logo, a exposição Sou Atlântica visa contrapor esse cenário quando coloca em evidência a contribuição dos diferentes sujeitos negros e demonstrar que para além das opressões também há uma história de luta.

Ressalta-se que uma das problemáticas postas historicamente pelas Ciências Humanas e Sociais é a questão da objetividade científica. A partir da perspectiva colocada pela exposição, demonstra-se a possibilidade de uma outra visão sobre o processo de construção do/a pesquisador/a e do sujeito, que expõe a interferência e a influência dos que vieram antes, de suas produções intelectuais, das trajetórias de vida e abre caminhos historicamente negados a populações marginalizadas na vida de grupos como o negro. Ratts cita Abdias Nascimento que, ao fazer crítica a suposta objetividade científica exigida pelas ciências sociais, anuncia "[...] Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada" (2007, p.19 Apud. 1978, p.41)⁴

Se considerar parte da matéria investigada implica compreender como aquilo que é pesquisado ou exposto faz parte da minha constituição enquanto sujeito, sendo que a transposição dessa perspectiva para as vivências de pessoas negras é importante pelo contínuo apagamento da história da população negra nos livros didáticos, nas grades dos cursos de graduação e pós-graduação e nos diferentes âmbitos da sociedade.

O próprio livro *Eu Sou Atlântica*, demonstra que assim como muitos outros intelectuais negros/as, Nascimento, apesar de suas ricas contribuições no campo das relações étnico raciais, demora a ser reconhecida no meio acadêmico, constatando que "[...] uma das questões que identificamos nessa pesquisa é o ‘esquecimento’ do(a)

⁴ NASCIMENTO, Abdias (1978) **O genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

autor(a) negro(a) na academia brasileira, notoriamente nas Ciências Sociais." (2007 p.30).

Ao situar essa problemática, o autor expõe que o resgate da obra de Maria Beatriz Nascimento busca quebrar com essa violência, citando Sueli Carneiro ao dizer que o ato de nomear e lembrar é essencial na contraposição da invisibilidade, o que é imprescindível não só para o processo de reverência dos que vieram antes, mas para que autoras como Beatriz Nascimento passem a ser lidas, referenciadas, criticadas e consideradas para além de um contexto específico, ou seja é " [...] um projeto de investimento no resgate de uma "linhagem de pensamento e de ação", e consequentemente de afirmação de sujeitos do conhecimento historicamente desprezados." (2007, p.13)

Assim, a exposição Sou Atlântica, ao fazer releituras de fotografias de pessoas negras, visa o resgate de suas produções e contribuições e, para além disso, demonstrar um histórico de luta que desde a escravização é constante por parte desses sujeitos, proporcionando o conhecimento acerca da população negra em contexto latino-americano.

SOU ANTLÂNTICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Segundo Hédio Silva (2002), o conhecimento das próprias origens em detrimento de uma educação e história sem passado e raízes, desperta outras dimensões nos sujeitos que é essencial para construção de uma identidade positiva e sentimento de pertencimento no espaço escolar, sendo a Sociologia uma disciplina capaz de colaborar com esse processo.

Dessa maneira, a proposta didática apresentada objetiva proporcionar aos estudantes negros/as o reconhecimento de si nas figuras do movimento negro e sua importância para a história do Brasil e do mundo, considerando essa uma forma de valorização das conquistas dos negros enquanto sujeitos históricos e sociais.

A partir dos objetivos da Sociologia no ensino médio é possível demonstrar como a disciplina possui grande potencialidade de desconstruir e desnaturalizar a realidade social posta que é pautada na desqualificação e estigmatização do ser negro/a em todas as dimensões da vida social. Além disso, colaborar na busca pela construção positiva da identidade negra que, assim como outras identidades, se constrói a partir do reconhecimento de si nas relações sociais, nas instituições e em como se é representado

nos diferentes dimensões da vida cotidiana. Conseqüentemente, poderá proporcionar, também, à alunos/as não negros/as a discussão sobre a valorização da diversidade e diferença.

Essa perspectiva dialoga com a busca pela consolidação da lei 10.639/03, quando visa trazer parte da história afro-brasileira e, conseqüentemente, africana, para repensar currículos e práticas de ensino e aprendizagem que reproduzam racismo no ambiente escolar. Ademais, vale ressaltar que emergência da lei por si só já demonstra inadequação da educação brasileira frente às necessidades dos diferentes sujeitos presentes na escola.

A referida lei possui ainda grande instabilidade em sua prática, porém, a partir da Sociologia é possível trabalhá-la de diversas maneiras, sendo a proposta da exposição *Sou Atlântica* uma possibilidade de emprego da mesma.

Além disso, cumpre dizer que a atividade se pauta, metodologicamente, na Teoria Histórico-Cultural. A fotografia é utilizada como motivadora do processo de ensino-aprendizagem e, ao colocar os sujeitos da escola em movimento, tenta garantir uma participação ativa dos/as estudantes. Isso permite que os/as jovens sejam protagonistas em todas as etapas de utilização do material proposto.

Busca-se, assim, uma educação que acesse a produção intelectual humana em uma perspectiva de totalidade, auxiliando na formação humana e crítica dos/as estudantes presentes na escola e na desnaturalização dos fenômenos sociais.

Entende-se, também, que escola tem como um de seus papéis essenciais a socialização do conhecimento sócio historicamente construído que é representado, no presente trabalho, pelos conceitos sociológicos e pelo resgate dos saberes do povo negro, considera-se então a possibilidade de debates de temas como: movimentos sociais, desigualdades, racismo e identidade. Além dos conceitos citados, verifica-se ser possível a apropriação crítica dos novos debates e temas oriundos dos saberes construídos a partir dos movimentos, especialmente o negro, que constantemente são apagados do currículo escolar

O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR

A exposição Sou Atlântica possibilita o resgate das trajetórias, lutas e reivindicações de diversas pessoas negras, além da discussão, como mencionado acima, de conceitos sociológicos. Outro aspecto importante é a possibilidade de trazer a sala de aula novos debates que vem sendo construídos pelo movimento negro no decorrer de sua atuação de luta e de existência.

Nilma Lino Gomes na obra O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas lutas por emancipação, discorre acerca da importância de compreender os saberes produzidos e sistematizados pelo movimento negro e de mulheres negras, que se dá pela capacidade de subversão às teorias educacionais postas e na possibilidade de construção da chamada pedagogia das ausências e emergências.

As pedagogias das ausências e emergências são baseadas nos conceitos de sociologia das ausências e das emergências desenvolvidos por Boaventura de Souza Santos. Segundo Gomes, a primeira busca a transformação das ausências em presenças, considerando que o ausente é, na realidade, produzido como algo que não existe (GOMES. 2017, p.40). Já a sociologia das emergências:

[...] consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear por um futuro de possibilidades plurais, concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente mediante atividades de cuidado (GOMES. 2017, p.41).

A partir dessas formulações a autora desenvolve a pedagogia das ausências e emergências que objetiva dar protagonismo ao movimento negro e sua relação com a educação e movimentos sociais, entendendo que esse diálogo e ação mediadora entre o grupo negro, o Estado, a escola e a universidade, além de sua atuação política, faz emergir saberes específicos que são, a partir de uma educação neoliberal, sistematicamente apagados, ou seja, transformados em ausências. Assim:

Os saberes emancipatórios construídos pela comunidade negra e organizados pelo Movimento Negro indagam essa pedagogia reguladora e conservadora. Por isso, o estudo crítico desses saberes produzidos na tensão regulação- emancipação sociorracial traz para a teoria pedagógica não somente novos conhecimentos. Ele nos ajuda a conhecer e compreender novos processos de produção e outros conhecimentos e nos pressiona a repensar conceitos, termos e categorias analíticas por meio dos quais os processos educativos dentro e fora da escola têm sido interpretados via racionalidade científico-instrumental. (GOMES, 2017, p.136)

Portanto, a exposição Sou Atlântica visa, por meio da reprodução de fotos de personalidades do movimento negro, possibilitar que os/as professores/as de Sociologia questionem sua prática, suas formações e busquem, dessa maneira, proporcionar aos estudantes uma educação que considere as contribuições da comunidade negra nos diferentes setores sociais. Essa busca por si só já tem potencialidade de contribuir para a construção de uma identidade positiva para os educandos/as negros/as e, quando faz isso, colabora na mobilização dos sujeitos pelo prosseguimento da luta do movimento negro contra o racismo.

Gomes (2017, p. 95) aponta também que a corporeidade negra é colocada na educação escolar a partir de perspectivas bastante reguladoras, fato que interfere na construção da identidade que apesar de se expressar de maneira individual, é construída coletivamente. No entanto, vale dizer que essa realidade tem se modificado pela atuação do movimento negro e das intervenções artísticas e políticas das juventudes negras do país.

Portanto, Sou Atlântica visa contribuir com a mudança desse cenário, colocando corpos negros/as como protagonistas na representação de uma imagem positiva dos/as negros/as no Brasil e na América Latina. A exposição busca demonstrar, também, que não há um "ser negro" por essência, como as visões reguladoras demonstram quando associam o corpo negro a estigmas negativos. Sobre isso, Nascimento aponta:

Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo. Ser negro não pode ser resumido a um "estado de espírito", a "alma branca ou negra", a aspectos de comportamento que determinados brancos elegeram como sendo de negro e assim adotá-los como seus. (1974, p. 76).

Assim, o objetivo é, também, demonstrar a partir das representações das personalidades negras retratadas, as várias possibilidades de caminhos traçados pelos sujeitos negros de outras gerações, as diferentes caminhadas e atuações, e as perspectivas de construção do novo e assim da atualização constante da luta e da existência de corpos negros no mundo.

Ratts expõe que Nascimento, com sua postura e escritos acerca das mulheres negras, ressalta um corpo negro que "[...] porta carências radicais de liberdade, que

procura e constrói lugares de referência transitórias ou duradouras" (2007, p.67). Além disso, pontua:

Esse corpo negro ainda que parado para falar ou fixado em fotografia enuncia sentidos. Na memória corporal ou na difícil construção da cidadania, a linha do corpo negro continua desenhando o espaço. Fio da memória. Fio da identidade. Espelho que nos indaga. (RATTS, 2007, p. 69)

Demonstrando a potencialidade da enunciação de sentidos e significados a partir da fala e das fotografias para construção de elos, perspectiva que se busca demonstrar a seguir com algumas das fotografias⁵ realizadas pela exposição Sou Atlântica:



**Estudante Priscila Floriano reproduzindo a foto da intelectual e ativista
Angela Davis**

⁵ Todas as pessoas fotografadas assinaram um termo de autorização de uso de imagem.



**Estudante Daniela Almeida Lira reproduzindo a foto da intelectual e
ativista Maria Beatriz Nascimento**



**Estudante Anderson Rodrigues reproduzindo a foto do ativista Martin
Luther King**



Estudante Gabriel Santos reproduzindo imagem do Zumbi dos Palmares



**Estudante Kali Oliveira reproduzindo a foto da vereadora e ativista
Marielle Franco**



**Estudante Mariana Teles reproduzindo a foto da vereadora e ativista
Marielle Franco**



**Estudante Kaliane Oliveira reproduzindo a foto da intelectual e ativista
Lélia Gonzalez**

ENCAMINHAMENTOS FUTUROS

O presente trabalho visou demonstrar a potencialidade da utilização da fotografia para impulsionar o processo de ensino-aprendizagem da sociologia e de colaborar para a construção e resgate de uma identidade negra positiva. Essa busca se deu a partir da releitura de imagens de personalidades históricas na luta do movimento negro nas Américas, ressaltando diferentes contextos em que essas pessoas se inserem.

A abordagem e a realização da exposição permitem estabelecer diálogos com os seus espectadores, para que possam conhecer a história do movimento negro a partir de sua representatividade na memória e construção de uma identidade positiva do grupo negro. Assim, propõe aos professores de sociologia a utilização das fotografias ou a reprodução das mesmas a partir de seus próprios estudantes, visando trazer à sala de aula discussões pertinentes as questões étnico raciais e a valorização de sujeitos que são constantemente invisibilizados no contexto escolar.

Entende-se que a proposta da exposição Sou Atlântica possui grande potencial para esse fim, tendo sido utilizada na I Semana da Consciência Negra por uma escola do município de Marília-SP, e obtendo resultados positivos e inspirado outras exposições realizadas na escola. Pretende-se, futuramente, apresentar a um maior número de docentes a potencialidade do material proposto para o ensino de Sociologia, das relações étnico-raciais na escola e construção de uma identidade positiva nos/as estudantes negros/as.

Espera-se, também, aprofundar os debates teóricos acerca da fotografia e de sua utilização enquanto ferramenta impulsionadora do processo de ensino-aprendizagem, visando compreender o impacto causado nos/nas estudantes, negros/as e não negros/as, que produzem a exposição - a partir do trabalho de pesquisa e, no caso de estudantes negros/as, da presença nas fotografias - bem como o que provoca no/a espectador/a, tendo como hipótese que esse processo alcança uma dupla dimensão no processo de ensino-aprendizagem.

Ressalta-se que um dos aspectos importantes do trabalho é, também, dar visibilidade para as juventudes negras, que seguem sendo excluídas e estigmatizadas no ambiente escolar, e aos ativistas e intelectuais negros/as que seguem na invisibilidade na academia e nos currículos escolares. A elaboração da atividade, futuramente, terá como objetivo aliar a exposição ao pensamento de outros/as autores negros/as e, mais do que isso, incentivar os/as estudantes a produzirem textos que aliem suas trajetórias de vida

às biografias das figuras retratadas na exposição, visando consolidar a busca "por eles em uma história fragmentada"(2007, p.74), almejado por Beatriz Nascimento.

Por fim, apesar do trabalho aqui exposto ter sido realizado por duas pesquisadoras do NUPE-Marília, o desenvolvimento da exposição contou com a colaboração de uma equipe maior de estudantes, aos quais ficam aqui os agradecimentos.⁶

REFERÊNCIAS:

GOMES, N. L. O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RATTS, A. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

SILVA Jr, H. Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002

⁶ Participantes da exposição Sou Atlântica: Anderson Rodrigues; Cyntia Onyiliagha ;Fabiana Soares ;Gabriel Silva; Ítalo Yuri Leal Mendes ;Júlia Brito; Kaliane Oliveira; Mariana Teles; Mariana Alves; Mário Dias; Pâmela Sabrina; Paulo Eduardo Teixeira; Priscila Floriano